

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS
BACHARELADO COM ÊNFASE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

“SOBRE OS DIFERENTES MÉTODOS DA TRADUÇÃO”:
A TRADUÇÃO NO CONTEXTO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DA *BILDUNG*

Caio Heleno da Costa Pereira

CURITIBA
JUNHO 2008

Caio Heleno da Costa Pereira

“SOBRE OS DIFERENTES MÉTODOS DA TRADUÇÃO”:
A TRADUÇÃO NO CONTEXTO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DA *BILDUNG*

Monografia apresentada à disciplina de Orientação Monográfica II do Curso de Letras Português-Alemão da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras com ênfase em Estudos da Tradução.

ORIENTADOR: PROF. DR. MAURICIO MENDONÇA CARDOZO

CURITIBA
JUNHO 2008

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do curso de Letras da UFPR, bem como à minha família.

RESUMO

“Sobre os Diferentes Métodos da Tradução”, de Friedrich Schleiermacher, é apontado como texto importante para o desenvolvimento da teoria da tradução. Nesse texto, podem ser encontradas em debate diversas questões centrais à tradição do pensamento tradutológico, apresentadas de um ponto de vista sistemático.

No presente trabalho, pretende-se apresentar “Sobre os Diferentes Métodos da Tradução” na relação com seu plano de fundo histórico-social. Quer dizer, não é o objetivo do trabalho apresentar minuciosamente a teoria da tradução de Schleiermacher, mas sim demonstrar como seus pressupostos tradutológicos estão intimamente ligados a um projeto político. Nesse sentido, faço uma breve apresentação histórica da relação entre Alemanha e França entre os séculos XVIII e XIX. A tradução se revela aqui como instrumento de emancipação política na medida em que contribui para a educação do ser humano e para o desenvolvimento da língua. Schleiermacher via na educação e no desenvolvimento da língua nacional dois dos aspectos fundamentais, condicionantes da liberdade política.

ABSTRACT

This paper is not meant to be a systematic description of Schleiermacher's thoughts on translation. The main goal of this article is showing the bond between Schleiermacher's requests on translation's fidelity and a political project. Education and development of the national language are essential for this project. Translation has a role there because it affects positively the language and the culture of the target-text, provided that the peculiarities of the start-text are preserved in the target-text.

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Schrift will keine systematische Darstellung der translatorischen Gedanken Schleiermachers sein. Sie bezweckt vielmehr den Beweis, dass Schleiermachers Forderung an

Übersetzungstreue eng mit einem politischen Projekt verbunden war. Bildung und Entwicklung der nationalen Sprache sind wesentliche Elemente dieses politischen Projekts. Übersetzung spielt da eine Rolle, indem sie Sprache und Kultur befördert, vorausgesetzt, dass die Eigenarten der fremden Kultur und Sprache in dem übersetzten Text bewahrt werden.

INTRODUÇÃO

Friedrich Schleiermacher (1768-1834) ¹ foi importante teólogo, pedagogo, filósofo e tradutor alemão da primeira metade do século XIX. Nascido em Breslau, cidade localizada na Polônia, mas que, desde a Idade Média, até anos recentes, esteve sob domínio de alternados estados de língua alemã. Schleiermacher estudou teologia em Halle, no leste da atual Alemanha. Quando jovem, trabalhou como tutor, assumindo em 1796 o cargo de pastor na Charité de Berlim, onde entrou em contato com o círculo dos românticos, sobretudo com Friedrich Schlegel. Nesse período, Schleiermacher publicou os *Discursos sobre a Religião (Reden über die Religion)* e *Os Monólogos (Die Monologen)*, entre outros. Em 1805, Schleiermacher iniciou sua tradução de Platão, que, até hoje, é por muitos considerada a melhor e mais clássica tradução alemã da obra de Platão. O último de seus quinze volumes foi lançado em 1828. Em 1807, a Universidade de Halle, onde Schleiermacher ensinou teologia a partir de 1804, foi obrigada, por Napoleão, que triunfava então sobre vasto território europeu, a interromper suas atividades. Por esse motivo, Schleiermacher voltou para Berlim e lá reassumiu a função de pastor. Em Berlim, cidade prussiana, Schleiermacher participou em 1810 da fundação da Universidade de Berlim (atual *Humboldt-Universität zu Berlin*), tornando-se professor e primeiro decano da faculdade de teologia e, em 1815, reitor.

Schleiermacher interessa aqui, sobretudo, como tradutor, ou, mais apropriadamente, como teórico e pensador da tradução. Ponto de partida do presente trabalho é seu ensaio “Sobre os Diferentes Métodos da Tradução”,² que surgiu, primeiramente, na forma de preleção, realizada no dia 24 de junho de 1813 na Academia Real das Ciências de Berlim. A respeito desse ensaio, Antoine Berman escreveu: “trata-se sem dúvida do único estudo dessa época na Alemanha que constitui uma abordagem sistemática e metódica da tradução.”³ “Sobre os Diferentes Métodos da Tradução” é apontado, por Antoine Berman, como texto fundamental na história da teoria da tradução. Partindo da apresentação do texto, procurarei estabelecer conexões

¹ Referências: http://de.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Schleiermacher, acesso em 15 de junho de 2008; http://www.bautz.de/bbkl/s/s1/schleiermacher_f_d_e.shtml, acesso em 15 de junho de 2008.

²Schleiermacher, F. “Über die verschiedenen Methoden des Übersetzen”, em versão bilingüe em: Heidermann, Werner (Org.). “Clássicos da Teoria da Tradução”. Vol. I Alemão-Português. Tradução de Margarete von Mühlen Poll, Florianópolis: USFC, Núcleo de Tradução, 2001 (26-87). No corpo deste trabalho faremos uso dessa tradução.

³ Cf. Berman, Antoine: “A prova do estrangeiro”. Edusc, Bauru 2002.

com alguns temas de sociologia, história e filosofia. No próprio texto podem ser reconhecidos tais elementos, de modo que não se trata de situar o trabalho de Schleiermacher em meio a questões que lhe fossem alheias e nada mais com ele em comum tivessem do que o tempo e o lugar a que pertenceram. O objetivo do presente trabalho, portanto, é apresentar os principais pressupostos tradutórios de Schleiermacher na relação com seu plano de fundo histórico-social, demonstrando como eles estavam profundamente ligados a ideais de nacionalidade, cultura, educação e, por fim, de humanidade. Não se trata, aqui, de, em primeira linha, procurar em Schleiermacher uma metodologia para a prática da tradução e, muito menos, de averiguar possíveis desdobramentos da realização empírica daquilo que seria pressuposto por tal prática. Na perspectiva aqui assumida, entende-se que não se deve esperar da leitura de “Sobre os diferentes métodos da tradução” respostas objetivas para problemas práticos de tradução ou instruções de procedimento em relação aos diferentes tipos textuais. Isso se diz sem nenhuma intenção de desqualificar o pensamento de Schleiermacher, pelo contrário. O que torna sua leitura interessante, hoje, não é, a meu ver, sua exigência por fidelidade ao texto original. O que importa, aqui, é verificar com quais ideais de cultura, sociedade e ser humano se liga a argumentação através da qual se apresenta essa exigência por fidelidade. Diferentemente de uma percepção hoje generalizada como texto de difícil compreensão, “Sobre os Diferentes Métodos da Tradução” é de agradável leitura para aqueles que apreciam o modo como caracteristicamente se escrevia na Alemanha do período a partir da segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX. Esse “estilo” é caracterizado pela vivacidade do “espírito da época”, com o que se quer dizer que muitos autores de então – como os acima citados - costumavam abordar em conjunto muito daquilo que está hoje separado no debate de idéias. Esses autores faziam com segurança afirmações em áreas que, atualmente, pertencem a diversos especialistas. Pode-se justificá-lo, simplesmente, ao se constatar que, na época, as matérias do conhecimento estavam divididas em menos disciplinas, constituindo um erro de perspectiva histórica avaliar esse aspecto com base unicamente nesse fato. No próprio texto em questão, Schleiermacher faz uma distinção, bastante ingênua, aos olhos modernos, entre ciência e arte – que seriam os conteúdos da verdadeira tradução. Deve-se notar, contudo, que uma das interpretações mais difundidas do Romantismo o aponta como movimento de resistência ao Iluminismo e à sua tendência a racionalizar tudo e à conseqüente divisão continuamente aprofundada das disciplinas do estudo. Também não se quer dizer que não se aplique ao ensaio de Schleiermacher o que dissera Berman

(“estudo... que constitui uma abordagem sistemática e metódica da tradução”). De fato, trata-se de “uma abordagem sistemática e metódica da tradução” – embora não ofereça um método no sentido do que se poderia esperar hoje de um método.⁴

A questão central não é investigar o trabalho de Schleiermacher como metodologia para a prática da tradução e seus possíveis desdobramentos empíricos, mas sim estabelecer conexões entre seu texto e outros escritos da época, para, na tentativa de ultrapassar esses escritos e retornar ao ponto de partida, fazer algo como uma “sociologia da tradução”.

DESENVOLVIMENTO

“Sobre os Diferentes Métodos da Tradução” não oferece conteúdo para uma visada sociológica unicamente na medida em que, como qualquer texto, se insere em um ambiente histórico e social, mas também ao se referir ao tempo em que se insere e ao ambiente em que se situa, e, principalmente, ao pretender exercer influência transformadora sobre seu ambiente. Esse ambiente, no entanto, não é simplesmente o local onde se realiza materialmente a tradução, ou seja, o mundo das publicações e dos livros. Não vejo centralmente no texto de Schleiermacher ensinamentos para o melhor traduzir, mas, sobretudo, reflexos de idéias que estavam em vivo debate na fragmentada nação alemã do início do século XIX. E estava bastante vivo, naquela época, o debate sobre o estabelecimento da cultura, da língua e da nação alemã e seu fortalecimento. Vejo, assim, nesse escrito de Schleiermacher a tradução como parte integrante de um plano maior de emancipação política e cultural. Mesmo quando Schleiermacher dá instruções sobre o melhor traduzir, sua visada não deixa de ser aquela de quem enxerga a tradução como fenômeno social.

A tradução representava, naquela época, uma importante questão na discussão sobre o desenvolvimento da cultura alemã. Ocuparam-se dela, na teoria ou na prática, grandes nomes da literatura e da filosofia alemã, como Gotthold Ephraim Lessing

⁴ Como o é o funcionalismo alemão, por exemplo.

(1729-1781), Johann Gottfried Herder (1744-1803), Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), Friedrich Wilhelm Christian Carl Ferdinand von Humboldt (1767-1835), Johann Christian Friedrich Hölderlin (1770 -1843), August Wilhelm von Schlegel (1772-1829), Friedrich Leopold, Barão de Hardenberg, mais conhecido como Novalis (1772-1801), entre tantos outros. Pode-se ler no clássico da sociologia de Norbert Elias, “Über den Prozess der Zivilisations” (O Processo Civilizatório”) - livro importante para a analogia que se fará a seguir entre método etnocêntrico de tradução e ideal francês de civilização, por um lado, e método estrangeirizador e ideal alemão de cultura, por outro – a seguinte citação de um autor francês do século XVIII, Mauvillon, que, desqualificando o estado das letras alemãs na época, disse, em tradução brasileira, o seguinte: “Milton, Boileau, Pope, Racine, Tasso, Molière, assim como quase todos os poetas importantes, foram traduzidos para a maioria das línguas européias, enquanto os vossos poetas [dos alemães] são, em geral, eles próprios apenas tradutores”.⁵ De fato, grande parte dos autores alemães da época foram tradutores, o que reconheceram antes como positivo do que negativo. Para eles, entre os quais, Schleiermacher, o muito traduzir não significava dependência cultural ou incapacidade local para criar obras originais. Ao contrário, viam na tradução a possibilidade de superação dessa dependência. Schleiermacher entende como dependência cultural a substituição da língua materna pela estrangeira. E essa era justamente a função que exercia o francês nas muitas e pequenas cortes daquele mundo que veio a ser chamado de espaço de língua alemã (deutschsprachiger Raum), que forma o território dos hoje chamados países de língua alemã (deutschsprachige Länder: Alemanha, Áustria e Suíça), somados a muitas regiões e cidades que hoje pertencem a países do leste europeu. Como se sabe, nas cortes dos pequenos estados alemães existentes na época, a língua falada pelos nobres e por todos aqueles que se pretendiam cultos era o francês. Os nobres e burgueses abastados trocavam cartas em francês e ridicularizavam aqueles que não dominavam o idioma. Essa elite havia perdido todo o senso para desempenhar a função social que ocupava: a administração do Estado e de tudo que a ele se liga.⁶

“Sobre os Diferentes Métodos da Tradução” (1813) surge no momento em que, culturalmente, a Alemanha começava a superar a condição de inferioridade, quando já tinha filósofos, poetas, músicos e cientistas famosos em toda a Europa, mas ainda estava longe de ter qualquer poder político no quadro europeu e mundial. Em 1800, a

⁵ Elias, N. “Über den Prozess der Zivilisation”, Editora Suhrkamp, Frankfurt a.M 1976; p.12.

⁶ Cf. Ibid., p. 12-17

Alemanha estava dividida em cerca de 250 estados, cada qual com suas leis, impostos, religião, e, muitas vezes, exército. Havia também muitos dialetos e a unidade lingüística era a da língua escrita. No mesmo ano de 1813 se dava, em Leipzig, no mês de outubro, a assim chamada Batalha dos Povos (Völkerschlacht). Esta é uma de uma série de batalhas que os historiadores chamam de Guerras de Libertação (Befreiungskriege), termo sob o qual se resumem todos os acontecimentos bélicos ocorridos entre 1813 e 1815 entre as tropas francesas de Napoleão e seus adversários. Elas são parte das Guerras Napoleônicas, das quais representaram o fim. Depois da derrota do grande exército de Napoleão no campo de batalha russo, em 1812, o general prussiano Yorck, cujas tropas até então lutavam ao lado de Napoleão, negociou um armistício com os russos no dia 30 de dezembro na convenção de Tauroggen. Essa negociação de paz foi decisiva para a eclosão das Guerras de Libertação nos anos seguintes. Mesmo antes do início das guerras, já ocorriam revoltas nas regiões alemãs dominadas pela França. No dia 27 de março de 1813, a Prússia – Estado ao qual pertencia Berlim, onde Schleiermacher vivia e ensinava – declarou guerra à França. Ao lado de Prússia e Rússia, Suécia e Áustria participaram das batalhas. Grã-Bretanha contribuiu para a vitória contra Napoleão através de sua marinha em alto mar, através do exército de Wellington na Espanha e com subsídios e o envio de materiais de apoio para as tropas combatentes. As aliadas Prússia, Rússia e Suécia traçaram uma estratégia comum na luta contra a França, o plano de Trachenberg. O ponto alto dessa estratégia e das Guerras de Libertação fora a Batalha dos Povos, travada em outubro de 1813 perto da cidade de Leipzig e que acabou com a derrota de Napoleão. Com esse resultado, desmanchou-se a confederação dos estados alemães (Rheinbund) que apoiavam Napoleão, com que teve fim o poder de Napoleão a leste do Reno. Ao fim do tempo de dominação francês seguiram-se amplas reformas políticas e sociais na Prússia. Schleiermacher e Humboldt, que terá, mais abaixo, um papel importante, estiveram diretamente envolvidos nessas reformas, principalmente no que diz respeito às mudanças no campo da educação. Napoleão ainda gozou de uma vitória, em Ligny, antes de ser definitivamente derrotado em Waterloo pelos aliados britânicos, holandeses e alemães.⁷

A princípio, a Revolução Francesa fora bem recepcionada pela intelectualidade alemã. Muitos escritores alemães viram nela a possibilidade de mudança do status quo

⁷ Fonte: <http://de.wikipedia.org/wiki/Befreiungskriege>, acesso em 14 de junho de 2008.

também na Alemanha, que como estado ainda não existia. É conhecida a história da árvore da liberdade que os amigos Hegel, Schelling e Hölderlin plantaram em homenagem à Revolução. A instituição unificadora dos diversos estados alemães era, ainda em 1800, o Sacro Império Romano-Germânico, que era constituído de nove estados eleitorais, que elegiam o imperador: Áustria, Prússia, Bavária, Saxônia, Brunswick-Lüneburg, Colônia, Mainz, Hanover e Trier. Havia ainda vinte e sete “estados espirituais”, governados por prelados católicos: o arcebispado de Salzburgo, os bispados de Münster, Liège, Würzburg, Bamberg, Onasbrück, Paderborn, Augsburg, Hildesheim, Fulda, Speyer, Regensburg, Constance, Worsm Lübeck, entre outros. Príncipes leigos governavam trinta e sete estados, incluindo Hesse-Cassel, Hesse-Darmstadt, Holstein, Württemberg, Sachsen-Weimar, Sachsen-Gotha, Braunschweig, entre tantos outros. Havia ainda cinquenta Reichstädte, cidades autônomas que integravam o Império: Hamburgo, Colônia, Frankfurt-am-Main, Bremen, Speyer, Nuremberg, Ulm, etc. De todas as partes da Alemanha vieram multidões a Frankfurt, em 1792, para ver Francisco II, da Áustria, ser eleito, ele que seria o último Imperador de uma linha que teve início na Idade Média.⁸ Em 1800, o Império havia perdido todo seu esplendor e eficiência, era uma “reliquia do feudalismo“⁹ – para Voltaire ele não era nem sacro, nem romano e tampouco era um império.

Os acontecimentos revolucionários na França foram logo percebidos em sua importância histórica, sendo reconhecidos como marco do início de uma nova época. A queda da Bastilha, a capitulação do rei, a revolta dos camponeses, a fuga da nobreza, a declaração dos direitos civis foram todos fatos acompanhados com grande atenção pelos alemães, que sonhavam com mudanças também para a Alemanha. Para se ter uma idéia de como era a sociedade alemã naquele período, pode-se citar a situação dos camponeses alemães na época em que se davam aquelas transformações na França. “Leibeigenschaft“ é um termo que designa o tipo de relação, existente desde a Idade Média até então, de dependência entre o camponês e o seu senhor. Etimologicamente, Leibeigenschaft não pode ser traduzido por servidão, mas significa algo semelhante àquilo que entendemos sob esse conceito quando nos referimos à Idade Média. Os camponeses trabalhavam nas terras e propriedades de seu senhor e tinham que pagar um tributo. Eles tinham o direito de possuir bens, mas não imóveis. O senhor lhes determinava a participação nos serviços religiosos e a prestação de trabalho para as

⁸ Cf: Durant, W. The Age of Napoleon. Nova Iorque, 1975. P, 587ss.

⁹ Ibid., p.587.

obras na igreja. Os senhores podiam comprar, vender e trocar servos, que, no entanto, não costumavam se desligar de sua terra de origem. Por seu lado, o senhor devia proteção jurídica e militar a seus servos (Leibeigenen). Os camponeses eram vinculados à sua terra de origem e só podiam deixá-la com autorização de seu senhor, a quem precisavam pedir autorização caso desejassem casar.

Ernst Moritz Arndt (1769-1860), poeta e revolucionário alemão, que viria a se casar com a irmã de Friedrich Schleiermacher, Ana Maria, combateu a Leibeigenschaft e conseguiu sua abolição nos domínios de Schwedisch-Pommern. Arndt conheceu Schleiermacher em Berlim, onde ambos eram membros de um grupo de nacionalistas. Antes disso, contudo, Arndt foi exilado na Suécia, para onde teve de fugir no período das conquistas de Napoleão em território alemão, devido a seus escritos nacionalistas, de oposição ao domínio francês, entre os quais se destaca “Geist der Zeit” (Espírito do Tempo). Nesse longo ensaio, publicado em quatro volumes (1806, 1809, 1813 e 1818), Arndt aborda o tema histórico de diversas perspectivas e documenta assim seu desenvolvimento político. Apresenta-se nele com clareza a formação de um nacionalismo alemão de tendência romântica. Arndt se esforça por estabelecer uma ligação entre épocas antigas e a situação dada entre o início da ocupação francesa até as Guerras de Libertação e o Congresso de Viena. Ao longo de sua vida como escritor, Arndt provocou a opinião pública de diversas maneiras. O primeiro volume de “Geist der Zeit” surgiu logo depois da vitória de Napoleão em Jena e Auerstädt. Devido ao seu nacionalismo, Arndt passou a ser observado e foi proibido de ensinar. Ele foge e, na viagem, dá continuidade à obra. O último volume aparece depois da derrota de Napoleão e do estabelecimento de uma política de restauração. Dessa vez, a administração prussiana é quem o proíbe de realizar suas preleções, uma vez que considerava sua influência negativa para a juventude. No entanto, sua obra é bem acolhida, principalmente pelos contemporâneos de tendência cristã e patriótica. A primeira parte de sua obra oferece um recorte histórico em que as condições presentes naquele início de século XIX são comparadas com as existentes historicamente. Arndt se volta contra o domínio pela nobreza, que, no século XVIII chega ao absolutismo e, mais adiante, contra os esforços universalistas do Iluminismo. Para Arndt, o modo adquegado de se lidar com a história é aquele que procura encontrar e desvendar segredos, procedimento antes guiado pelo ânimo do que pela razão. Com isso, Arndt aplica com inteção política termos como os usados por Achim von Arnim em sua poesia

histórica (Geschichtsdichtung): o caminho correto para a compreensão da história não é encontrado através da discussão científica, mas sim através do apontamento de líderes visionários. Esse traço anti-iluminista determinou também suas concepções de acordo social e procedimento político. Arndt via nas estruturas sociais de um povoamento de vinculação ao solo, que chamava de “Povo“ (Volk), o fundamento de um futuro estado alemão. Na segunda parte de sua obra, Arndt procura explicar a gênese do presente e lança um olhar “para frente e para trás“ (Blick vorwärts und rückwärts). Notável é o ressentimento de Arndt para com a diplomacia, a razão e a ciência. Ao mesmo tempo, transparece certa admiração por Napoleão na apresentação que dele se faz na terceira parte no longo capítulo “Was wollte und was tat Bonaparte?“ (O que quis e fez Bonaparte?). Dessa análise Arndt desenvolve a sua concepção de como as forças euroéias, principalmetne as alemãs, deveriam se comportar nos anos seguintes. O livro se torna um chamado à guerra. No quarto livro, escrito depois da Restauração, Arndt expressa sua decepção com o reestabelecimento das antigas estruturas na Europa. Embora não tenha conseguido trazer à discussão questões como “constituição”, “liberdade de imprensa” e outras instituições, Arndt continua fazendo exigência políticas. Devido a essa postura, ele se torna inaceitável para os administradores do estado prussiano. Cito abaixo alguns trechos de “Geist der Zeit”, que não representa, a meu ver, o mesmo tipo de nacionalismo contido em “Sobre os diferentes métodos da tradução”, mas expõe bem o ambiente de discussão política/cultural em que surgiu esse ensaio:

Tens jogos e sonhos suficientes, então vai e sonha com as imagens do teu coração, assim como os outros fazem; retira-te para um canto escondido em algum vale e lá constrói um mundo de cores fantásticas, que não pode ser incomodado pelo ferro de qualquer conquistador, nem destruído pelo decreto de qualquer ministro de estado. Sonha e poetiza o bom, em qualquer lugar onde puderes, e deixa o mundo percorrer selvagememente seu trajeto, à sua maneira, esquece-o e imagina que esse não é o teu mundo, imagina que o povo entre o qual tu vives não é o teu povo e

que toda a vida exterior nada mais é do que uma tropega aparição, um jogo de fantasia para os mais nobres e um jogo de mentiras para os maus...

E mais adiante:

Havia em mim um ódio que, sob domínio francês em território alemão, não me deixava viver em paz.

Mas quando parei para pensar na Alemanha e nas pessoas da Alemanha e na profundidade da língua alemã e do caráter alemão, entristeci-me até as lágrimas no coração e fui tomado por uma grande saudade de casa.

E no estrangeiro aprendi, primeiramente, em que consiste a vida humana, em seu amor, nomeadamente, e aprendi também o valor do povo alemão, o quão espiritual, fiel, honesto e devoto ele é; mostrando-se claramente para mim o espelho de seu caráter interior, reconheci também sua história, tanto a passada quanto a futura. Pois o amor ensina tudo aos homens, não havendo outro mestre além dele. E a partir desse tempo estabeleci o firme propósito de nunca mais viver em outro país e de morrer no mesmo lugar onde meus antepassados foram enterrados.¹⁰

Certamente não é esse o nacionalismo de Schleiermacher, não se pode, ao menos, chegar a essa conclusão através da leitura unicamente de “Sobre os diferentes métodos da tradução”. Schleiermacher não expressa uma visão de mundo belicista e tampouco diz que a independência política e cultural da Alemanha deva ser conquistada

¹⁰ No CD-Rom da Editora Reclam: Bassner, R (Org.) e Reichard, G. Romantik, Epochen der deutschen Literatur. Romantik. Buscar no item Autoren – Arndt, Textbeispiele.

através da guerra. No entanto, podemos localizar semelhanças e pontos de convergência entre o radicalismo de Arndt – “havia em mim um ódio que, sob domínio francês em território alemão, não me deixava viver em paz” – e o ambiente ideológico em que pretendemos situar Schleiermacher.

Sonha e poetiza o bom, faço-o onde estiveres e deixa o mundo, selvagem, percorrer seu curso selvagem como lhe for de bom grado, e acredita que esse não é o teu mundo, que o povo entre o qual tu vives não é o teu povo, que toda a vida exterior não é mais do que uma aparição flutuante, um jogo da fantasia para os mais nobres e um jogo de mentiras para os maus...

A solução do problema político, do pacto social entre os indivíduos de uma coletividade, tem início por uma mudança na intimidade do indivíduo, que deve se elevar em relação ao estado das coisas do mundo material para formar em si um mundo ideal. E na formação desse ideal, a poesia, o sonho e a fantasia têm um papel fundamental: “sonhe e poetize o bom”. O mundo exterior, em relação a esse mundo ideal, é um mundo com o qual se joga através da imaginação. A emancipação do homem, a caminhada para a liberdade, tem início no desprendimento do material, na elevação para além das coisas mundanas. Essa transformação interior deve antecipar e é a condição para que se realize com sucesso qualquer transformação no mundo político real. Protegido no mundo da fantasia, que é o mundo poético, o nacionalista-poeta está protegido contra “o aço de qualquer conquistador” e “mandamento de qualquer ministro de Estado”.

Escrevendo em um período mais próximo do nosso, nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, o historiador da arte Arnold Hauser (1892-1978) identifica na ideologia do romantismo alemão as origens do pensamento nazista e com ele de todo o mal da cultura alemã. É bem verdade que Arndt, bem como outros poetas e pensadores alemães do período, teve seu pensamento instrumentalizado pelos nazistas. Entre eles, conte-se Max von Schenkendorf, autor do poema que se tornaria letra do hino das Schutzstaffel (SS), a Treuelied, que começa com a famosa frase: “Wenn alle untreu

werden, so bleiben wir doch treu...” (mesmo que todos se tornem infiéis, nós nos manteremos fiéis). Max von Schenkendorf (1783-1817) lutou como soldado na Völkerschlacht. Schleiermacher não demonstra, no texto em questão, ser favorável à restauração do “sacro império alemão”, de que fala Schenkendorf, uma vez que se permite ler em suas palavras o desejo pelo estabelecimento de uma sociedade em que predominasse a liberdade dos indivíduos. Essas são as palavras com que Schleiermacher conclui “Sobre os diferentes métodos da tradução”:

Se chegar o dia em que tivermos uma vida pública da qual, por um lado, deve desenvolver-se uma sociedade mais substancial e mais justa em relação à língua; por outro, será ganho um caminho livre para o talento do orador, então talvez nós necessitemos menos da tradução para o aperfeiçoamento da língua. Tomara que esse tempo chegue antes de termos passado dignamente por todo o círculo do esforço da tradução.¹¹

Schleiermacher encerra seu ensaio fazendo clara referência a um projeto político: “quando o tempo vier em que teremos uma vida pública”. Sob vida pública podemos entender a participação nas decisões políticas, embora não exclusivamente. Do influxo estrangeiro mediante tradução Schleiermacher esperava uma real transformação na sociedade alemã. Entendo sob “conquistar uma convivência linguisticamente correta e espaço livre para o talento do orador” a expressão da crença no poder transformador do cultivo da língua e da cultura, o desejo de que o intelectual possa também participar das decisões políticas, deixando de se concentrar unicamente no trabalho erudito para se dirigir ao povo e ser um orador. Quando esse tempo chegar, talvez a tradução não seja mais necessária, mas ela o é até que ele chegue, pois acelera o cultivo da língua, amplia seu horizonte quando a confronta com o estranho, com aquilo que nela ainda não foi realizado, e faz com que através dela se realize a idéia diferente, o senso estético

¹¹ P.85.

diferente, que, por se realizar nela, passa a pertencer à cultura própria – em outras palavras, a língua materna torna-se mais poderosa através da tradução.

Para isso, contudo, é necessária a fidelidade ao original, dada a necessidade de que os elementos estrangeiros não tenham suas diferenças suprimidas no texto traduzido, em nome do enriquecimento da língua e da cultura nacional. Por mais distantes que possam estar seus projetos políticos, é interessante notar como tanto em Schleiermacher quanto em Schenkendorf o conceito de fidelidade (Treue) é decisivo. Assim como os soldados devem ser fiéis entre si e para com seus comandantes, o tradutor deve ser fiel ao autor, que se torna, afinal, uma espécie de amigo íntimo, alguém que se quer conhecer e por quem se nutre o maior respeito. Provavelmente esse é um dos aspectos que levaram Lawrence Venuti a descrever a teoria de Schleiermacher como uma “ética da tradução”.¹²

Não foi primeiramente com a Revolução Francesa e com a ascensão de Napoleão que a França passou a exercer domínio sobre os divididos e enfraquecidos estados alemães. Em sua “História Social da Arte e da Literatura”¹³, Hauser procura determinar sociologicamente as origens do pensamento político dos autores alemães a partir do século XVI. Para ele, o marco histórico decisivo para todos os desenvolvimentos seguintes da filosofia alemã foi a Guerra dos Trinta Anos. Disputada por diversas nações de toda a Europa, essa guerra se deu, sobretudo, em território alemão. A destruição causada pelos longos combates teria sido responsável pela ruína das cidades e, conseqüentemente, pelo declínio daquela classe social tipicamente cidadina, a burguesia, que Hauser chama de classe média. Com o declínio dos burgueses e o acirramento da divisão da região em pequenos territórios, houve, nesse tempo, um fortalecimento do poder local dos príncipes e, conseqüentemente, um recrudescimento dos laços feudais, que, em outros países europeus, começavam então a se romper.

Perguntando-se pelas motivações de o Iluminismo nunca ter se tornado, na Alemanha, a ideologia das classes médias, como o fora na Inglaterra e na França, Hauser o explica recorrendo justamente às perdas que essa classe social sofrera com a Guerra dos Trinta Anos:

¹² Venuti, Lawrence: “The Translator’s Invisibility”. Nova Iorque 1997; p. 101.

¹³ Hauser, Arnold: “A História Social da Literatura e da Arte”. Editora Mestre, São Paulo, sem data.

Por que o Iluminismo nunca foi convenientemente assimilado pelas classes médias alemãs...?

E mais adiante:

No decurso do século XVI, as classes médias alemães haviam perdido a sua influência econômica e política... e, por conseqüência, haviam perdido também a sua importância na esfera cultural.¹⁴

Com essa perda de importância no campo da política e da economia Hauser identifica as tendências posteriores dos pensadores alemães, homens da classe média, em sua grande maioria, em negar a vida prática, os negócios, a participação política efetiva, em favor de ideais transcendentais, da imaterialidade, da negação da corporeidade e do desejo pelo infinito enquanto fuga das relações sociais existentes. Schleiermacher define tradução (*Übersetzung*), diferenciando-a da interpretação (*Dolmetschen*), não mais no sentido de sua realização física, se falada ou escrita, mas sim naquilo que ela deve representar enquanto realização do espírito humano, que, justamente, é não ser atividade puramente mecânica ou puro exercício da técnica, mas sim fruto da liberdade criativa do gênio artístico. Pois, para Schleiermacher, a tradução é uma arte, que, como tal, se dedica àquilo que há de elevado, à diferença de sua contraparte vulgar, a interpretação, dedicada à mediação entre línguas em seu uso falado ou escrito, quando esses forem empregadas, em uma forma ou na outra, com fins puramente práticos, como os negócios, por exemplo.

Identificando o Iluminismo com a vontade de transformação do estado real das coisas e contrapondo-o ao Idealismo, Hauser explica a falha daquele e o sucesso deste na Alemanha reduzindo a origem do pensamento às condições materiais pré-existentes e às relações de poder. No presente trabalho se pretende exercitar uma visão sociológica do pensamento sobre tradução em conjunto com outras esferas do pensar. Ou seja, o que se deseja é afirmar o vínculo, que da distância em que nos encontramos hoje, pode se

¹⁴ Cf. Hauser, Arnold: "Alemanha e o Iluminismo" In: *Ibid*; p.747-780.

perder para muitos dos observadores, entre pensar e realidade material. No entanto, isso está longe da concepção de que o mundo exterior condiciona tudo aquilo que um indivíduo pensa. Hauser, assim me parece, exagera a dependência da teoria em relação aos condicionamentos práticos.

A tradução da bíblia de Martinho Lutero (Martin Luther 1483-1546) é reconhecida como obra com que se iniciou o processo de formação de uma língua alemã padronizada:

Com essa tradução [da bíblia] o reformador [Lutero] se torna o pai de uma língua alemã escrita unitária. Graças a Lutero, o alemão, no Sacro Império Romano das Nações Alemãs, se torna apto à literatura [literaturfähig]- em uma sociedade na qual, até então, o latim (como língua da ciência) e o francês (como idioma favorito das cortes) davam o tom.¹⁵

Mais tarde, os pensadores da tradução, entre eles Herder, Schleiermacher e Schlegel, retomam Lutero como fundador de sua tradição. A dificuldade na tarefa de Lutero estava na dupla exigência de, por um lado, escrever em língua compreensível para o homem do povo, e, por outro, no fato de ter de abstrair, em certa medida, de uma variante regional, uma língua mais padronizada que pudesse ser compreendida para além da estreita fronteira do dialeto. Assim, Lutero fez intencionalmente uso de “uma língua muito oral, carregada de imagens, de locuções, de formas de expressão e, ao mesmo tempo, um trabalho sutil de depuração, de desdialeitização dessa língua.”¹⁶ Na época de Lutero, a língua à diferença da qual o alemão lutava para se estabelecer não era ainda o francês, mas sim o latim: “pois as letras latinas impedem, em uma medida muito grande, que se fale um bom alemão”.¹⁷ Como teve que justificar suas escolhas,

¹⁵ Cf. Schwarz, Ulrich: “Vom Schlachtfeld zur Kulturnation”. In: Wiegrefe, W. e Pieper, D.(Orgs.): “Die Erfindung der Deutschen. Wie wir wurden, was wir sind”. Spiegel Buchverlag, Munique e Hamburgo 2007.

¹⁶ Berman, A. “A Prova do Estrangeiro”, EDUSC 2002. P.51

¹⁷ Lutero in: Ibid. P.51.

pode-se dizer que Lutero foi um precursor da teoria da tradução na Alemanha ao comentar suas decisões de tradução.

O fato de que a fundação e a formação do alemão literário comum tenham ocorrido por meio de uma tradução é o que permite compreender por que vai existir na Alemanha uma tradição da tradução para a qual está a criação, transmissão e expansão da língua, fundação de um Sprachraum, de um espaço lingüístico próprio.¹⁸

Pensar a tradução como meio para o enriquecimento da língua nacional significa o mesmo que situar a tradução muito próxima do centro de toda questão social e política. No caso de Lutero, isso se torna ainda mais evidente. Sua tradução da bíblia, como notou Goethe, não estava destinada aos eruditos, uma vez que tinha o fim de trazer novamente o homem cristão à leitura dos evangelhos. A bíblia de Lutero tornou-se popular e teve logo diversas edições. Do ponto de vista da história do desenvolvimento da língua alemã, seu grande feito teria sido estabelecer, pela primeira vez, devido ao seu longo alcance e influência, uma base para a padronização da língua escrita. Como diz o professor João Udo Siemmens, da área de alemão do curso de Letras da Universidade Federal do Paraná, a bíblia de Lutero foi a “cartilha” (Fiebel) com que se alfabetizou o povo alemão. Schleiermacher reconhece essa tradição através da tradução e enxerga nessa prática possibilidades ainda maiores para o enriquecimento da língua e da cultura alemã.

Em “Sobre os Diferentes Métodos da Tradução”, Schleiermacher procura distinguir entre dois tipos de tradução: a verdadeira tradução (Übersetzung), que se ocupa com textos das ciências e da arte, e a interpretação (Dolmetschen), que se volta para o comércio e os negócios. Para o filósofo, a verdadeira tradução, portanto, se ocupa de matéria mais elevada, distanciando-se assim das necessidades e vulgaridades do mundo. É interessante notar como para o pensamento da época arte e ciência estão muito mais próximas do que hoje as costumamos ver. Pois, com ciência se queria ainda

¹⁸ Berman in: Ibid; p.54

muitas vezes dizer filosofia – que os românticos e idealistas procuraram aproximar da poesia e da arte como um todo –, e não necessariamente ciência empírica.

A interpretação trata de transpor informações objetivas de uma língua para outra, por isso se pode falar em interpretação também no campo de textos escritos, o que se dá na versão interlingüística de textos para os quais a individualidade do autor é considerada irrelevante. Na medida em que a individualidade desse autor se torna relevante, mais se aproxima o texto do campo da arte. Assim, maior se torna a exigência sobre o tradutor, que deve ter uma melhor formação do que o intérprete e conhecer mais profundamente o autor original e sua língua. Na interpretação, a maior parte dos elementos a se traduzir são anteriormente conhecidos por ambas as partes envolvidas e fixamente estabelecidos. De modo que qualquer um que tenha um domínio relativo de duas línguas pode fazer interpretação, que é um trabalho quase mecânico.

Quanto menos o próprio autor saiu do original, quanto mais ele atuou simplesmente como órgão receptor do objeto e seguiu a ordem local e temporal, tanto mais se tratará de uma pura interpretação na transposição. Dessa forma, o tradutor de artigos de jornal e de simples relatos de viagens se associa primeiramente ao intérprete, e pode se tornar ridículo se o seu trabalho tem maior repercussão e ele quiser ser reconhecido como artista.¹⁹

Aumenta a necessidade por conhecimento científico na tradução na medida em que o texto se afasta do conhecimento comum e pré-fixado. Em textos a que a verdadeira tradução se aplica não há uma relação de igualdade entre sentimentos, concepções, inclinações de leitor do texto original e leitor do texto traduzido. Na medida em que as línguas se afastam espacial e temporalmente, não há mais palavras que correspondam com exatidão.

A relação do homem com a língua é sempre dupla: por um lado, todo homem está sob o domínio da língua que fala, seu pensamento é criação dela; por outro, todo

¹⁹ Schleiermacher, F. “Ueber die verschiedenen Methoden des Übersetzens” In: Clássicos da Teoria da Tradução”. Editora da UFSC. Com tradução de Margarete von Mühlen Poll; p.30.

homem enquanto ser livre molda a língua à sua própria maneira. Assim, o indivíduo também é criador da língua, na medida em que estabelece novas formas que são adotadas por outros, permanecendo dessa maneira definitivamente na língua. Apenas o discurso que ocasionar um novo momento na vida da língua merece permanecer.

Por isso, todo discurso livre e mais elevado requer ser concebido de duas formas: em parte pelo espírito da língua de cujos elementos ele é formado, como uma apresentação ligada e condicionada por este espírito, produzida vivamente por ele no enunciator; por outro lado, ele requer ser concebido pela alma do enunciator como sua ação, produzido e explicável exatamente assim somente pelo seu ser. Sim, todo discurso desse tipo só é entendido no sentido mais elevado da palavra, se ambas as suas relações estiverem compreendidas conjuntamente e em sua verdadeira relação mútua, de forma que se saiba qual das duas predomina no todo ou em partes separadas.²⁰

O tradutor, para Schleiermacher, deve conhecer a língua e a história da cultura do texto de partida, assim como conhecer profundamente a obra do autor e dos autores relacionados, se quiser ser capaz de dar a mesma compreensão a seus contemporâneos e contemporâneos.

Ao leitor deve ser dada uma compreensão do espírito da língua (Geist der Sprache) do escritor, para que o leitor entenda o seu modo de pensar e sentir. Mas para isso o tradutor dispõe apenas da língua que é própria a si e ao leitor. Daí a dúvida sobre a possibilidade da tradução. Maneiras para fazer o público conhecer a obra de autores de línguas estrangeiras são a paráfrase e a imitação, que significam também a desistência do ideal de tradução. A paráfrase vê a língua como um jogo matemático, em que se pode somar e diminuir até se chegar a um mesmo resultado. Aí, mesmo que o conteúdo seja relativamente preservado, a impressão original é destruída, pois a paráfrase não guarda o modo como o escritor se expressa em sua língua. A paráfrase substitui por

²⁰ P.37.

comentários os trechos de difícil entendimento. A imitação, por outro lado, procura apenas reproduzir as diferenças linguísticas e culturais, mas criando uma nova obra, uma vez que não respeita as particularidades do conteúdo, pois não quer dar uma relação direta entre leitor e escritor original. Abandona-se, assim, o ideal de identidade entre as obras do autor original e do tradutor. O imitador quer apenas dar uma impressão semelhante. A imitação se usa mais no campo da arte, a paráfrase no campo da ciência:

.. inventaram-se duas outras formas de travar conhecimento com as obras de línguas desconhecidas, não para o verdadeiro sentido da arte e da língua, mas para a necessidade intelectual, e de para a arte espiritual, do outro... Essas formas são a paráfrase e a imitação.²¹

Os conceitos de imitação e paráfrase, Schleiermacher os usa no sentido de delimitar o conceito de tradução. O tradutor quer aproximar seu leitor e seu escritor. A compreensão e o deleite da obra pelo leitor deve ser o maior “correto” possível. Schleiermacher acredita em um verdadeiro entendimento da obra. Para tanto, existem apenas dois métodos completamente distintos: “ou o tradutor deixa o escritor em paz e leva o leitor até ele, ou deixa o leitor em paz e leva o escritor até ele”. Não basta ser o tradutor um grande conhecedor da língua e da obra. Se ele quiser em sua tradução respeitar as características da língua original e do modo de se expressar do autor, é necessário que haja um público preparado. É preciso que o público tenha contato com línguas estrangeiras e que entre os leitores haja pessoas que conheçam bem as obras e a cultura estrangeira. Esta não é uma exigência isolada e sem maiores conseqüências, pelo contrário, essa exigência por formação entre o público leitor de tradução se liga a um amplo e essencial projeto de educação e cultura.

Para Schleiermacher, a linguagem não é uma simples ferramenta através da qual o pensamento se externaliza, mas é, sobretudo, o meio em que o pensamento se dá, fora e antes do qual não existe o pensar. A língua, por sua vez, mantém uma íntima ligação com a história do desenvolvimento de um povo, ela é a viva expressão de suas características mais essenciais, nela podem ser encontradas suas mais particulares

²¹“S.o. d.m.d.t.”;p.41

formas de sentir e pensar – aí ela passa de linguagem, faculdade comum à toda humanidade, a língua nacional. Na época de Schleiermacher, que era a época da formação dos ideais de nacionalidade na Europa, os estudos da linguagem estavam muito proximamente ligados a investigações que procuravam determinar as características que diferenciariam uma nação da outra. Na busca por características próprias e particulares de cada povo se chegou à língua, que ganhou estatuto de elemento mais essencial e particular de cada povo em sua relação de diferença para com o outro. Wilhelm von Humboldt escreveu a esse respeito:

A maioria das circunstâncias que acompanham a vida de uma nação – o local, o clima, a religião, a constituição do estado, a moral e os costumes -, deixa-se, de certo modo, separar-se dela; mesmo havendo ainda influência mútua, ou seja, formação dada ou recebida, é possível, até certo ponto dissociar tais fatores. Apenas uma delas é de natureza completamente diversa, é o sopro, a própria alma da nação, surgindo sempre no mesmo passo que ela, e conduz a investigação num círculo contínuo, seja esta circunstância vista como ator ou receptor- a língua.²²

Se, por um lado, a língua nacional é o ser em que se expressa o espírito nacional - a língua é, em certa medida, o próprio espírito nacional - por outro, Schleiermacher acreditava também na decisiva influência do gênio individual sobre o desenvolvimento das línguas e, assim, também sobre o desenvolvimento da própria nação. Grandes filósofos e poetas não influenciariam apenas indiretamente a formação da língua, mas sim direta e incondicionalmente, pois, para Schleiermacher, somente os frutos do gênio criativo e criador sobreviveriam em meio ao acúmulo de palavras e expressões de menor valor. E isso também poderia se dar via tradução: era o caso de Lutero e, mais recentemente, reconhecia-se em Heinrich Voss, tradutor de Homero, feito semelhante.

Schleiermacher, bem como outros pensadores de seu tempo, discute a tradução ultrapassando os limites do texto, da textualidade e da leitura, para vê-la como uma

²² Humboldt, W.: “Sobre a natureza da linguagem em geral”. In: Heidermann, W. e Weininger, M. (Orgs.) “Wilhelm von Humboldt. Linguagem, Literatura, *Bildung*”. UFSC. Florianópolis, 2006. P., 3

relação com o estrangeiro e, afinal, como relação entre indivíduos e, também, entre nações. Quer dizer, não o simples contato entre nações no sentido de turismo, viagens comerciais, relações diplomáticas, leitura de jornais estrangeiros, contatos pessoais com cidadãos de outros países – atividades que se inserem todas no campo da interpretação (Dolmetschen) -, mas sim comunicação entre culturas. O que a tradução deve ser, para Schleiermacher, é a possibilidade de conhecimento direto da obra estrangeira. Ela deve ser a própria obra vertida para a língua materna (Muttersprache), para assim possibilitar o contato com o indivíduo e com a cultura estrangeira. A Alemanha de então, politicamente dividida e culturalmente submissa, procurava estabelecer sua identidade, tarefa essa que não procurou realizar ao voltar-se unicamente para si e suas origens, mas também ao procurar confrontar-se com o outro.

A França era, na época, a grande potência na Europa continental. Além de poder político, a França detinha hegemonia cultural, ao ponto de o rei da Prússia, Frederico II, desprezar a língua alemã e qualquer produto cultural alemão em favor da língua, dos hábitos, do pensamento, dos livros e dos intelectuais franceses. A esse respeito, Jorge Luis Borges escreveu:

Federico II, sin embargo, nego su entusiasmo al viejo poema [A Canção dos Nibelungos]; dijo que nada bueno podía salir de Alemania. Hay que tener en cuenta que Federico no admitía otra literatura que la francesa; el idioma alemán era para él un idioma doméstico...²³

Os pensadores alemães da época procuraram estabelecer uma diferenciação nacional entre maneira francesa alemã de traduzir e maneira alemã. Para os alemães, os franceses, tomariam para si os textos estrangeiros sem preservar suas particularidades, domesticando-os. Os alemães, inversamente, procurariam preservar as particularidades do original para com isso enriquecer a própria cultura através do verdadeiro contato com o diferente, que seria a única maneira de conhecer o novo. Essa posição é resumida nas seguintes palavras de Herder:

²³ Borges, J.L. Literaturas Germánicas Medievales, Buenos Aires, 1996. p.110.

Os franceses, orgulhosos demais de seu gosto nacional, arrastam tudo para ele, em vez de se adaptarem ao gosto de outra época [...] Mas, por outro lado, nós, pobres alemães, ainda privados do público e de pátria, ainda livres da tirania de um gosto nacional, queremos ver essa época tal como ela é.²⁴

Já em outra época, ao criticar a cultura que se desenvolveu na Alemanha a partir dos ideais dos autores que aqui debatemos, Friedrich Nietzsche valorizou a tradução assimiladora ao estilo francês, mencionando não somente a França, mas também a Roma antiga. Como se sabe, Nietzsche enxergava na busca incessante pela verdade histórica o risco de se sufocar o surgimento do novo²⁵. Daí a sua crítica ao modo alemão de traduzir, cujo maior ideólogo talvez tenha sido Schleiermacher, que, para ele, era um símbolo da submissão à cultura estrangeira. Nietzsche ressalta o fato de que aos olhos dos alemães de sua época, bem como para o senso comum atual, pareceria inadmissível a maneira como traduziam os franceses do século XVIII e também os antigos romanos, “que traduziam adentrando a atualidade romana! Como espanavam [os tradutores romanos] de propósito e sem cuidado o pó da asa do momento da borboleta!”²⁶ Elogiando a maneira como os romanos traduziam os gregos, maneira essa que se adapta à sua exigência pela fomentação do presente em detrimento do demasiado cuidado na busca pela verdade histórica, Nietzsche colocou a questão na boca de um hipotético romano: “Será que não devemos renovar o antigo e nos inserirmos nele? Não nos deveria ser permitido dar a nossa alma a este corpo inerte? Pois morto está: como é feio tudo que está morto”.²⁷ Schleiermacher respondeu essa pergunta, que lhe fora imposta na confrontação com a maneira francesa de traduzir, especialmente com D’Ablancourt, com uma negativa. Para ele, tratava-se, sobretudo, de entender o outro indivíduo, a outra cultura, o antigo, o que se torna impossível quando se pretende renová-lo.

²⁴ Herder. *Literaturbriefe*. In: Berman, A Prova do Estrangeiro. Bauru, 2002. p. 76.

²⁵ Cf. “Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben” In: *Unzeitgemäße Betrachtungen*

²⁶ “Sobre o Problema da Tradução” In: Heiderman, W. (Org.) “Clássicos da Teoria da Tradução”, p.181

²⁷ *Ibid.*, p.181.

Em “Sobre os diferentes métodos da tradução”, depois de ter distinguido a tradução daquilo que ela não é, Schleiermacher passa a desenvolver seu pensamento sobre aquilo que ela pode e aquilo que ela deve ser. Para Schleiermacher existem dois métodos antagônicos de tradução, que são os únicos possíveis:

Mas o verdadeiro tradutor, aquele que realmente pretende levar ao encontro essas duas pessoas tão separadas, seu autor e seu leitor, e conduzir o último a uma compreensão e uma apreciação tão correta e completa quanto possível e proporcionar-lhe a mesma apreciação que a do primeiro, sem tirá-lo de sua língua materna, que caminhos ele pode tomar? A meu ver, só existem dois. Ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele. Ambos são tão diferentes um do outro que um deles tem de ser seguido tão rigidamente quanto possível do início ao fim e é de se recear que autor e leitor se percam por completo. A diferença entre ambos os métodos e o fato de que esta sua relação seja contraditória ficam necessariamente evidentes. No primeiro caso, a saber, o tradutor está empenhado em substituir, através de seu trabalho, a compreensão da língua de origem, que falta ao leitor. Ele tenta transmitir aos leitores a mesma imagem, a mesma impressão que ele próprio teve através do conhecimento da língua de origem da obra, de como ela é, e tenta, pois, levá-los à posição dela, na verdade estranha para eles.²⁸

É interessante notar como, formalmente, Schleiermacher constrói sua argumentação. Para chegar ao ponto de dizer “mas o verdadeiro tradutor...”, havia estabelecido, anteriormente, critérios distintivos de tradução e não-tradução:

²⁸ p.45

O segundo fato pelo qual a tradução se torna um negócio totalmente diferente da simples interpretação é o seguinte. Sempre que o discurso que ela deve expressar não estiver ligado a objetos ou situações exteriores que estão bem diante dos olhos, onde, pois, o enunciador pensa mais ou menos espontaneamente e pretende pronunciar-se, o enunciador está em dupla relação com a língua, e seu discurso só será bem entendido à medida em que essa relação for bem compreendida. Por um lado, cada pessoa é dominada pela língua que fala, ela e todo seu pensamento são um produto dela. Uma pessoa não poderia pensar com total certeza naquilo que estivesse fora dos limites dessa língua; a configuração de seus conceitos, a forma e os limites de sua combinabilidade lhe são apresentados através da língua na qual nasceu e foi educada, inteligência e fantasia são delimitadas através dela. Mas, por outro lado, toda pessoa que pensa de uma maneira livre e intelectualmente independente também forma a língua à sua maneira.²⁹

E mais adiante:

Por isso, todo discurso livre e mais elevado requer ser concebido de duas formas: em parte pelo espírito da língua de cujos elementos ele é formado, como uma apresentação ligada e condicionada por este espírito, produzida por ele vivamente no enunciador; por outro lado, ele requer ser concebido pela alma do enunciador como sua ação, produzida e explicável exatamente assim somente pelo seu ser.³⁰

²⁹

³⁰ Ps.33-35

Em “The Translator’s Invisibility” (A Invisibilidade do Tradutor) ³¹, Lawrence Venuti comenta Schleiermacher em meio à discussão sobre o papel da tradução na relação de domínio cultural e econômico entre países. De acordo com essa perspectiva, Venuti, ao apresentar o pensamento tradutológico de Schleiermacher, diz que de acordo com Schleiermacher haveria duas possibilidades de tradução:

.. .a domesticating method, an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home, and a foreignizing method, an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad.³²

Vejo nessa oposição entre método domesticador e método estrangeirizador um paralelo com a distinção que faz o sociólogo Norbert Elias em sua obra “Über den Prozeß der Zivilisation” entre conceito francês de civilização (Zivilisation) e conceito alemão de cultura (Kultur). Em “Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens”, Schleiermacher, ao estabelecer quais seriam os dois métodos possíveis de tradução, passa a desenvolver seu pensamento no sentido de estabelecer uma diferenciação relativa à nacionalidade na prática da tradução. Pois o método etnocêntrico é justamente o método francês de traduzir. O método estrangeirizador é aquele que estaria se estabelecendo na Alemanha, para o que Schleiermacher muito contribuiu.

Na obra acima citada, Norbert Elias faz uma “sociogênese da contradição entre ‘cultura’ e ‘civilização na Alemanha’”. Para Elias, o conceito de civilização é a expressão da autoconsciência do ocidente:

...esse conceito expressa a autoconsciência do ocidente. Também se poderia dizer: a consciência nacional. Ele engloba tudo que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos acredita ter de mais avançado em relação às sociedades antigas ou às sociedades “primitivas” contemporâneas. Através dele, a sociedade ocidental procura caracterizar sua peculiaridade, da qual está orgulhosa: o estado

³¹ Venuti, Lawrence. “The Translator’s Invisibility. A history of translation”. Nova Iorque 1995.

³² Ibid., p.20.

de sua técnica, os seus modos, o desenvolvimento de seu conhecimento científico, sua visão de mundo e muito mais.³³

No entanto, o conceito de civilização não assume em todos os países ocidentais o mesmo significado:

Aqui, no uso da língua alemã, “civilização” significa algo meramente útil, de um valor secundário, algo que atinge apenas o lado exterior do homem e a superfície de sua existência. E a palavra através da qual o alemão interpreta a si mesmo, através da qual se expressa o orgulho de seu desempenho e a própria essência, chama-se, em alemão, ‘cultura’.³⁴

O conceito de “cultura” representava, conforme Elias, o essencial da formação de uma sociedade ou de um indivíduo. À ‘cultura’ pertencem apenas as obras mais ‘puras’ do gênio humano, a literatura, a música, a filosofia etc. Enquanto franceses e ingleses vêem no conceito de “civilização” a expressão máxima de seu orgulho nacional, os alemães entendem a civilização como “um valor de segunda categoria”. E isso justamente porque sob essa idéia se entendia não somente as artes e as ciências, mas também todos aqueles elementos que distinguem o homem “civilizado” do não civilizado, do primitivo, entre os quais estão a moda, os costumes, os gestos etc. Pense-se na famosa crítica dirigida por Schleiermacher à tradição tradutológica francesa, representada, especialmente, na figura de D’Ablancourt, de que os tradutores franceses se comportariam em relação ao autor da obra estrangeira da mesma maneira como quem obriga o visitante estrangeiro a se vestir à moda local. Essa indisposição para aceitar o diferente estaria, conforme Elias, ligada ao convencimento que tinham, em especial, os franceses de estarem no ponto mais alto do desenvolvimento humano – “a civilização” - , sendo quase que um dever do estranho se adaptar aos costumes franceses para não

³³ P.2

³⁴ Ibid., p.2

chocar os bons costumes. Assim, o tradutor francês eliminaria do texto traduzido tudo aquilo que pudesse causar estranhamento sobre o público, sejam essas diferenças de visão de mundo, de modo de expressão ou de traje, gestos etc. E era basicamente isso que acontecia na sociedade de então – a França era a grande potência continental, era a grande nação exportadora de tendências culturais, modas, objetos de arte e manufaturas.

Como já se comentou acima, nas pequenas cortes da Alemanha se falava francês e os reis e príncipes procuravam reproduzir localmente o mundo da corte francesa. As cidades alemãs eram muitas, mas pequenas, e não havia em toda Alemanha uma capital cultural ou econômica, um local onde pudessem se encontrar as mais diferentes lideranças, como era o caso de Paris. Por haver uma Paris concentradora do debate das idéias, segundo Elias, foi possível ao intelectual francês desenvolver seu pensamento não apenas na escrita, mas também no debate vivo dos salões parisienses. Havia, na França, devido a esses fatores, uma adequação entre língua falada pela elite e língua escrita. Já na Alemanha, onde, sem haver um centro agregador, os poetas e os intelectuais estavam espalhados, sem contato senão aquele através da palavra escrita. Não havia conformidade entre o que se falava e o que se escrevia, a unidade lingüística era a da palavra escrita, na fala o alemão estava dividido em centenas de dialetos. Como já foi dito, no processo de unificação da língua e da cultura alemã a tradução desempenhou, desde Lutero, um papel central, e Schleiermacher esperava dela ainda mais contributos nesse sentido.

A tradução é necessária para a formação da língua porque, ao inserir na língua o novo, expande suas possibilidades e a torna mais rica. Dessa maneira ela contribui para a “conquista de espaço para o talento do orador”. Schleiermacher esperava da tradução, especialmente dos clássicos gregos, um influxo positivo sobre o desenvolvimento em direção à liberdade política. Tanto Hauser quanto Elias associam o ideal de cultura alemão à impossibilidade do homem culto, em geral, membro da classe média, de participar diretamente sobre as decisões políticas. Diferentemente dos intelectuais franceses, que formavam na corte parisiense um grande grupo de influência, os alemães estavam isolados nas pequenas cidades, sob o domínio absolutista dos senhores locais. Nessa impossibilidade teria origem, portanto, o ideal de recolhimento, de interiorização e valorização de tudo aquilo que não depende das leis do mundo material.

O pensamento de Friedrich Schiller foi marcante para o desenvolvimento desse ideal de sociedade voltada para o mundo da cultura. Em “Über die ästhetische

Erziehung des Menschen”, Schiller, sob a impressão da Revolução Francesa, apresenta seu plano para uma verdadeira libertação política.

Como resposta à revolução francesa, Schiller fez a pouco humilde tentativa de superar a França revolucionária através de uma revolução alternativa, uma revolução espiritual. Primeiramente o jogo da arte, conforme Schiller, poderia fazer com que o homem se tornasse verdadeiramente livre. Em seu interior, a princípio, e, mais tarde, quando na Alemanha a situação estivesse amadurecida, também exteriormente. Schiller teve grande esperança sobre o efeito libertador da arte e da literatura. A primeira geração romântica se ligará a essa promoção, sem igual, do estético a um grau superior.³⁵

Para Schiller, o ser humano não estaria preparado para a liberdade política se não estivesse moralmente livre. A arte e a beleza seriam os meios que conduziriam o homem da brutalidade para a racionalidade. O novo Estado a se fundar seria baseado na liberdade individual e não na coerção. A liberdade moral do indivíduo deveria antecipar as transformações na política e no Estado material.

O pensamento de Schleiermacher se liga fundamentalmente ao de Schiller na vinculação direta entre educação – educação estética e não educação técnica – e desenvolvimento social. Ao vincular tradução e educação em uma relação de mútua fomentação, Schleiermacher está nos dizendo que a atividade tradutória só poderá se aproximar de seu ideal com a formação de um público capaz de recepcioná-la, no entanto, para que esse público exista, Schleiermacher pressupõe, ao mesmo tempo, que traduções sejam feitas. A tradução é essencial para o cumprimento da tarefa de educar o povo, o país e, por fim, a humanidade, porque se apresenta como mediação entre pessoas, países, culturas, épocas. Assim, a tradução traz o leitor para o texto e, com ele, para a outra cultura. Para que esse propósito se realize, é necessária a preservação das particularidades da língua do texto de origem, e essas particularidades se resumem sob o

³⁵ Cf. Safranski, R. „Romantik eine deutsche Affäre“. Carl Hanser Verlag. Munique, 2007;p.41.

conceito de espírito da língua (*Geist der Sprache*) – é a isso que se presta sua defesa por um modo específico (estrangeirizante) de traduzir. O espírito da língua de origem deve estar contido no texto de chegada, apesar da tradução. E isso deve ser feito mesmo quando se corre o risco de, na tentativa de ser fiel ao autor, à língua, à obra e à cultura estrangeira, parecer estar incorrendo, aos olhos do compatriota, em traição. Pois, para muitos poderia ocorrer que a busca incessante pela fidelidade ao original e a preservação de suas características no novo texto escrito em língua materna traria consigo uma grande dose de impureza para essa língua materna. No entanto, esse contato com o estranho, ao invés de afastar a língua e a cultura de suas origens, contribuiria para o desvendamento de sua verdadeira essência. E é essa, justamente, a lei da *Bildung* de que fala Berman:

... ela está [a *Bildung*] intimamente relacionada com o movimento da tradução: pois este parte, com efeito, do próprio, do mesmo, (o conhecido, o cotidiano, o familiar), para ir em direção ao estrangeiro, ao outro (o desconhecido, o maravilhoso, o *Unheimlich*)e, a partir dessa experiência, retornar a seu ponto de partida

Ciência e arte são conteúdos essenciais da *Bildung*. Para Schleiermacher, ciência e arte são também as matérias da verdadeira tradução. A verdadeira tradução, segundo Schleiermacher, ocupa-se de textos escritos cuja versão exija do tradutor algo além de saber línguas e conhecimentos práticos. O texto que pode se tornar objeto da tradução é envolto por uma dupla relação: uma profunda relação com a língua e com a cultura em que fora escrito originalmente, de modo que se possa dizer que esse texto só poderia ter sido escrito naquela língua e naquela cultura; e em uma profunda relação subjetiva com seu autor, de modo que se possa dizer que somente aquele autor poderia ter escrito aquele texto. A verdadeira tradução deve preservar as particularidades culturais e as particularidades subjetivas do autor, assim como as

estranhezas lingüísticas e estilísticas. Schleiermacher chama a tradução de “arte da compreensão”. Capacidade de compreender e Bildung são idéias que se aproximam. Portanto, para que esse ideal de tradução se realize é necessário que a Bildung, ou seja, a capacidade de entrar em contato com o estranho e compreendê-lo, deva estar presente nos dois extremos do processo de tradução: por um lado, o tradutor precisa ser capaz de compreender profundamente a língua e a cultura, assim como o pensamento do autor, bem como o público deve estar preparado para receber no texto traduzido as características próprias da outra cultura e do pensamento do autor estrangeiro.

Assim como exige Bildung para que possa se realizar em sua completude, a tradução ideal também fomenta a Bildung, uma vez que medeia o contato com o estrangeiro, com o estranho, com aquilo que é antigo e, ao mesmo tempo, novo a partir da tradução. Esse processo renova língua e cultura, abre-lhes novos horizontes.

Para Schleiermacher, a possibilidade de realização do ideal de tradução traz consigo uma exigência sobre o público leitor. Esse tipo de tradução, que, ao invés de se propor a trazer o texto ao leitor, pretende levar o leitor ao texto, pressupõe a capacidade do leitor para assimilar o elemento estrangeiro e, assim, estranho, que deverá ser preservado pela tradução. O leitor, portanto, deve ser capaz de compreender a cultura estrangeira e suas particularidades. A capacidade de compreender o diferente está vinculada à educação, ao contato com as obras da literatura e da arte, à desenvoltura no contato com a língua estrangeira. E, como a língua é entendida como uma “coisa histórica”, conhecimento de história é parte fundamental da formação necessária para a compreensão da obra literária. Ao mesmo tempo em que se pressupõe a educação do público para que se realize a tradução ideal, a realização do ideal de tradução educa o público. A educação, no entanto, não tem por fim fomentar no povo a erudição estéril. Pois a educação é condicionante da liberdade política.

CONCLUSÃO

A tradução tem, portanto, papel essencial no projeto político de formação de uma nação alemã unificada, culturalmente independente, fundamentada na liberdade individual de seus cidadãos. Esse projeto político é estreitamente ligado a um projeto educacional: a Bildung. Não há liberdade política sem homens livres e a liberdade se dá primeiramente através de uma transformação interior. A arte, a literatura e a poesia são o meio para essa transformação rumo, primeiramente, à liberdade individual, que deverá preceder a liberdade política. O pensamento de Schleiermacher se vincula a esses ideais, pois ele vê uma relação de interdependência entre possibilidade de realização do ideal de tradução e o desenvolvimento educacional. Pois, assim como contribui para a formação do público e da cultura nacional em geral, a tradução lança uma exigência sobre esse público, que deve realizar o esforço para entender o diferente. Schleiermacher, contudo, não dá uma solução técnica para o problema, mas põe em discussão as diversas possibilidades da tradução – entendida em seu sentido mais amplo, e não como mera atividade de mediação lingüística.

BIBLIOGRAFIA

Berman, A.: *A Prova do Estrangeiro*. Edusc, Bauru 2002.

Durant, W.: *The Age of Napoleon*. Nova Iorque 1975.

Elias, N.: *Über den Prozess der Zivilisation*. Suhrkamp, Frankfurt a.M. 1976.

Hauser, A.: *A História Social da Literatura e da Arte*. Editora Mestre, São Paulo, sem data.

Heidermann, W. (Org.): *Clássicos da Teoria da Tradução*. Vol.I Alemão-Português. UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

Heidermann, W. (Org.): *Wilhelm von Humboldt. Linguagem, Literatura, Bildung*. UFSC, Florianópolis, 2006.

Safranski, R.: *Romantik. Eine deutsche Affäre*. Carl Hanser Verlag, Munique 2007.

Venuti, L.: *The Translator's Invisibility*. Nova Iorque 1997.

Wiegrefe, W. E Pieper, D. (Orgs.): *Die Erfindung der Deutschen. Wie wir wurden, was wir sind*. Spiegel Buchverlag, Munique e Hamburgo 2007.